



REVISTA
Casa da
GEOGRAFIA
de Sobral
ISSN 2316-8056



ETNO-AFETAÇÃO TERRITORIAL: BASE CONCEITUAL E ANÁLISE TERRITORIAL EM COMUNIDADE INDÍGENA NA AMAZÔNIA SETENTRIONAL

ETNO-AFECCIÓN TERRITORIAL: BASE CONCEPTUAL Y ANÁLISIS TERRITORIAL EN COMUNIDAD INDÍGENA EN LA AMAZONIA SEPTENTRIONAL

ETNO-TERRITORIAL AFFECTIONATION: CONCEPTUAL BASE AND TERRITORIAL ANALYSIS IN INDIGENOUS COMMUNITY IN THE NORTHERN AMAZON

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n3.723>

Lúcio Keury Almeida Galdino¹

Histórico do Artigo:
Recebido em 01 de Março de 2020
Aceito em 12 de Agosto de 2020
Publicado em 30 de Dezembro de 2020

RESUMO

O presente artigo científico desenvolveu-se no estado de Roraima - Brasil, este se encontra na porção da Amazônia Setentrional com seus limites de fronteira na porção Nordeste: com a República Cooperativa da Guiana e na porção Norte: com a República Bolivariana da Venezuela. Ainda, faz divisa com os estados: na porção Sudeste, com o Pará e; Sul e Noroeste, o Amazonas. O trabalho tem como objetivo explicitar o conceito de Etno-Afetação Territorial pensado e fundamentado pelo autor durante a elaboração da tese de doutorado, sob a luz epistemológica dos conceitos de Território e da Cartografia Social. A metodologia desenvolveu-se através de: pesquisa teórica (com visitas em bibliotecas públicas) e virtual (em sites); pesquisas em campo (in loco) e visitas técnicas aos órgãos governamentais como, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Universidade Federal de Roraima (UFRR) na aquisição de colher informações e dados sobre o tema do trabalho. Contudo, é relevante discutir no âmbito acadêmico as produções científicas que desenvolvem novos conceitos e, principalmente, que contextualizem os estudos nos estados da Amazônia Legal.

Palavras-chaves: Etno-afetação; Território; Cartografia Social; Comunidade Indígena; Amazônia.

¹ Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: Rua Sete de Setembro, 231, Canarinho. Boa Vista-RR. CEP: 69306-530 / Tel.: (95) 991668070. Email: lkagaldino@yahoo.com.br,

 <https://orcid.org/0000-0001-8166-9002>



RESUMEN

El presente artículo científico se desarrolló en el Estado de Roraima - Brasil, éste se encuentra en la porción de la Amazonia Septentrional con sus límites de frontera en la porción Nordeste: con la República Cooperativa de Guyana y en la porción Norte: con la República Bolivariana de Venezuela. Aún, hace divisa con los Estados: en la porción Sudeste, con Pará y Sur y Noroeste, Amazonas. El trabajo tiene como objetivo explicitar el concepto de Etno-Afectación Territorial pensado y fundamentado por el autor durante la elaboración de la tesis de doctorado, bajo la luz epistemológica de los conceptos de Territorio y de la Cartografía Social. La metodología se desarrolló a través de: investigación teórica (con visitas en bibliotecas públicas) y virtual (en sitios); pesquisas en campo (in loco) y visitas técnicas a los órganos gubernamentales como, el Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE), Fundación Nacional del Indio (FUNAI), Universidad Federal de Roraima (UFRR) en la adquisición de recopilar información y datos sobre el tema del trabajo. Sin embargo, es relevante discutir en el ámbito académico las producciones científicas que desarrollan nuevos conceptos y, principalmente, que contextualicen los estudios en los Estados de la Amazonia Legal.

Palabras claves: Asignación étnico; territorio; Cartografía Social; Comunidad Indígena; Amazonas.

ABSTRACT

The present scientific article was developed in the state of Roraima - Brazil, this one is in the portion of the Northern Amazon with its border borders in the Northeast: with the Cooperative Republic of Guyana and in the North: with the Bolivarian Republic of Venezuela. Still, it borders the states: in the Southeast, with Pará and; South and Northwest, the Amazon. The objective of this work is to explain the concept of Territorial Ethno-Affection thought and grounded by the author during the elaboration of the doctoral thesis, under the epistemological light of the concepts of Territory and Social Cartography. The methodology was developed through: theoretical research (with visits in public libraries) and virtual (in sites); field visits (in loco) and technical visits to government agencies such as the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), the National Indian Foundation (FUNAI), the Federal University of Roraima (UFRR) in the acquisition of information and data on the theme of work. However, it is relevant to discuss in the academic scope the scientific productions that develop new concepts and, mainly, to contextualize the studies in the states of the Legal Amazon.

Keywords: Ethno-affectation; Territory; Social Cartography; Indigenous Community; Amazon.

INTRODUÇÃO

O estado de Roraima situa-se no extremo norte do território brasileiro e estende-se em latitude 1° 35' 11" S a 5° 16' 20" N e longitude 58° 54' 20" O a 64° 49' 18" O. Desta forma, o estado oferece uma peculiaridade em possuir mais de 80% do seu território no hemisfério Norte cabendo destacar o ponto extremo norte do Brasil, o Monte Caburaí. Ainda, Roraima possui uma área total de 224.298,980 km², fazendo fronteira tripartite internacional (Brasil - Venezuela - Guiana), com seus limites: na porção Norte e Noroeste, 958 km de fronteira (Brasil e Venezuela); ao Leste, 964 km de fronteira (Brasil e Guiana); ao Sudeste, limita-se com o Pará e; ao Sul e Oeste, com o Amazonas.

Segundo Galdino (2017), o estado roraimense possui uma população indígena, aproximadamente, de 11,18% em relação a sua população absoluta de 451.227 habitantes e 32 Terras Indígenas (TIs) fazer presente em 46% do território, onde o coloca na categoria de "estado indígena".

Neste sentido, o objeto desse estudo localiza-se na Terra Indígena São Marcos (TISM) que foi homologada, conforme o Diário Oficial da União (DOU), no dia 30/10/91 com uma área de 654.110 hectares abrangendo maior porção, ao Norte, o município de Pacaraima, e em menor porção, ao Sul, o município de Boa Vista. Faz limites naturais a Oeste pelo rio Parimé e a Leste pelos rios Surumu e

Miang; no sentido Sul-Norte, inicia-se a partir da junção dos rios Tacutu e Uraricoera, onde se forma o rio Branco, estendendo-se até a fronteira Brasil-Venezuela (CIRINO & FRANK, 2010; ANDRELLO, 2010).

Conforme Galdino (2017), na TISM convivem 45 comunidades indígenas dentre elas a comunidade indígena Boca da Mata (CIBM), onde existem cinco etnias presentes: duas com menor destaque populacional, Tucano e Sapará, e três etnias com maior presença, Macuxi, Wapichana e Taurepang. Tais etnias presentes designam a relevância em considerar a sua concepção geográfica e levantar os fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem.

Contudo, o presente trabalho tem como objetivo discutir os conceitos de Território e Cartografia Social alinhada com o desenvolvimento do conceito de **Etno-Afetação Territorial** desenvolvida pelo autor em sua tese, intitulada - Sociedade, política, cultura e meio ambiente: subsídios ao planejamento socioambiental à comunidade indígena Boca da Mata, na TI São Marcos – RR, defendida no PPG em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde foram levantados diagnósticos e subsídios direcionados ao desenvolvimento socioambiental da comunidade.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolveu-se através de pesquisas em campo (estudo in loco), teórica (com visitas em bibliotecas públicas) e virtual (em sites), bem como visitas técnicas aos órgãos governamentais como, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Universidade Federal de Roraima (UFRR) na aquisição de colher informações e dados sobre o tema do trabalho.

Envolveu-se a aplicabilidade de procedimentos teóricos e metodológicos de forma inter(multi)disciplinar e integradora à compreensão da configuração Geográfica do território da comunidade indígena com a perspectiva do entendimento das relações socioculturais e territoriais, onde se desenvolveram abordagens epistemológicas de caráter: i) Geo-históricos – com Andrello (2010), Cirino & Frank (2010) e Galdino (2017); ii) Território e Cartografia Social – com Raffestin (1993), Haesbaert (2004), Gorayeb et al. (2015), Arango (2007) e Galdino (2017) e; iii) dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Quanto aos equipamentos técnicos utilizados em campo, são selecionados os seguintes: Sistema de Posicionamento Global – GPS, Modelo Garmimmap 76CS: para elaboração dos georreferenciamentos da região; Drone modelo *Phantom 3 Standard*: para registrar as paisagens naturais e artificiais; máquina fotográfica 12 *megapixel*: para registrar as atividades socioculturais e as

paisagens naturais e artificiais; gravador de voz para registrar as conversas e relatos sobre os aspectos sociais e culturais.

Finalmente, na representação da realidade das etnias e do território utilizaram-se recursos técnico-metodológicos, como: entrevistas, utilização e confecção de mapas com o uso de *software* livre (QGis) e bases cartográficas do Ministério do Meio Ambiente - MMA (2015) e Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2015).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um breve histórico da comunidade indígena Boca da Mata

A humanidade desde a pré-história, busca no espaço geográfico uma forma de organizar-se, que vislumbre a garantia da sobrevivência, seja ela de forma individual ou coletiva. Essa tentativa, muitas vezes, atingiu no passado a harmonia entre homem-natureza e, naquele momento, o espaço habitado/meio ambiente sofreram poucas transformações, pois se tratava de uma vida sob uma perspectiva de subsistência/sobrevivência.

Yi-Fu Tuan (2012, p. 91), em sua obra – *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* – explica os motivos que levam um indivíduo ou grupo a sedentarizar-se em um lugar.

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências do grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Em nenhum dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem no mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza”. No entanto, inicialmente, é conveniente discuti-los separadamente. Assim podemos focar primeiro a cultura e, em seguida, o meio ambiente [...].

Contudo, é necessário entender que, durante séculos, a humanidade passou por um processo de transformação comportamental/social, o que findou em estabelecer a valorização sob as questões materiais como mercadorias/produtos, serviços etc.

É inevitável não perceber a ação/atitude da sociedade na natureza, pode-se dizer que ocorreu uma “reviravolta cultural”, pois a humanidade que era uma parte do meio torna-se o “dono” do meio. Para Galdino (2007, p. 60), “o homem é um agente que sofre e produz mudanças na sociedade e é nesse sentido que o leva a ser um elemento dinâmico no processo de transformação da cultura ao longo do tempo”.

Nesta perspectiva, na relação sociedade-natureza e a busca da sobrevivência, pode-se remeter à gênese da comunidade indígena Boca da Mata, marcada pela história e descendência dos seus antepassados.

Fundada, em 1912, pelo índio Taurepang Jorge Hernandez a comunidade teve como primeiro nome *Wararapay*, em língua Taurepang significa cabeça de arara. Inicialmente moravam duas famílias, a do senhor Jorge e de seu cunhado Viriato, que construíram suas casas às margens do rio Surumu.

Em entrevista, fora revelado o nome da comunidade que tem como gênese histórica um acontecimento que perpassa pelo misticismo e que é conhecida na comunidade da seguinte forma:

“[...] o índio Jorge pegou uma arara para criar e ela costumava ficar em cima de uma árvore. Certo dia um grande temporal arrastou a arara e ela caiu dentro do rio. Depois de algum tempo, os parentes passaram ‘avistar’ uma arara com a cabeça para fora da água e quando alguém se aproximava ela desaparecia, sendo que essa aparição era um mistério[...] por isso que deram para este lugar o nome de *Wararapay*.”

Em 1918, a comunidade *Wararapay* apresentava cinco famílias morando às margens do rio Surumu. Nesse mesmo ano, o índio Jorge deixa a comunidade, parte para Venezuela e, no seu lugar, o Sr. Viriato passa a liderar a comunidade que ficou por 12 anos, porém sem o reconhecimento de ser o Tuxaua da comunidade, pois o General Rondon não reconhecia a sua liderança.

Com o retorno do índio Jorge à comunidade, em 1930, novamente assume o cargo de Tuxaua, quando é reconhecido, posteriormente, pelo General Rondon. Três anos mais tarde, em 1933, o Taurepang Horácio Fernandes assumiu o posto de Tuxaua da comunidade onde permaneceu por 17 anos e, após sua morte, em 1950, seu filho Antônio Horácio assume a liderança como Tuxaua da comunidade.

Em campo, entrevistando os mais velhos da comunidade, fora revelado que durante o período sob a liderança do Tuxaua Antônio Horácio, outras etnias indígenas (Macuxi, Ingarikó e Pemón) da região migraram à comunidade, além de missionários religiosos.

Conforme relato acerca desse período, fora revelado que tempos difíceis foram encontrados “[...] naquele momento, a comunidade passou por graves problemas de saúde [...] a comunidade foi marcada pela malária e diarreia e que muitos índios morreram, fazendo outros saírem para comunidades vizinhas”.

Ainda sob a liderança do Tuxaua Antônio Horácio, durante a década de 1960, é fundada uma escola na comunidade, porém com diversas dificuldades, pois naquela época as vias de acesso à comunidade eram precárias.

Nos anos de 1970, o Tuxaua, com apoio de dois professores e um capitão do exército, Pedro Morais, decidiu mudar o nome da comunidade onde passou a ser chamada de Boca da Mata, como é

conhecida atualmente, pelo fato desta estar localizada em uma área de mata de transição, entre o lavrado (savana) e serras.

Vale ressaltar que, nesse período, inicia-se a construção da BR 174 e a comunidade passa a sofrer a influência dos não-índios, descaracterizando e modificando elementos culturais mantidos tradicionalmente pelos indígenas.

Com o falecimento do índio Antonio Horácio, no final da década de 1970, seu filho Hilário Hernandes assumiu a liderança da comunidade onde permaneceu por cinco anos como Tuxaua.

Durante os anos de 1980, as comunidades indígenas pertencentes à Terra Indígena São Marcos fortaleceram a luta pelo reconhecimento e legitimação da sua territorialidade.

Nesse momento, é relevante compreender o conceito de território e de espaço que não podem ser confundidos, e Raffestin (1993, p. 143) esclarece afirmando que:

Espaço e território não são termos equivalentes. Por tê-los usados sem critérios, os geógrafos criaram grandes confusões em suas análises, ao mesmo tempo que, justamente por isso, se privavam de distinções úteis e necessárias [...] É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço.

O reconhecimento legal da territorialidade da TI São Marcos e, respectivamente suas comunidades, foram legitimadas em 1991, conforme data de homologação mencionada anteriormente.

Contudo, a comunidade indígena Boca da Mata (CIBM) tem sua trajetória e história de luta cujos atores anônimos e protagonistas são reflexos na organização do lugar e, nesse momento, é relevante mencionar o papel dos Tuxauas, alguns mencionados no contexto histórico e outros que serão citados em ordem alfabética, revelados em entrevistas na comunidade, conforme apresenta o Quadro 01 a seguir.

Quadro 01: Lista alfabética dos Tuxauas da comunidade indígena Boca da Mata.

1. Abílio Rafael	11. Joaquim Francisco
2. Belízio de Oliveira	12. José Magalhães
3. Bernardino Ribeiro	13. José Nilton
4. Carlos Magalhães	14. Leoneide Pinho
5. Celso da Silva	15. Paulo Francelino
6. Francisca da Silva	16. Paulo Franco
7. George Hernandes	17. Paulo Rodrigues
8. Hilário Hernandes	18. Ramon Marques
9. Jadiel Pinho	19. Sebastião Ribeiro
10. João Batista	

Fonte: Comunidade Indígena Boca da Mata (2016). Elaborado pelo autor.

Durante a pesquisa, a comunidade está sob a liderança da Tuxaua Francisca da Silva que luta por melhores condições socioambientais na área da educação, saúde, moradia, saneamento, coleta de lixo e emprego.

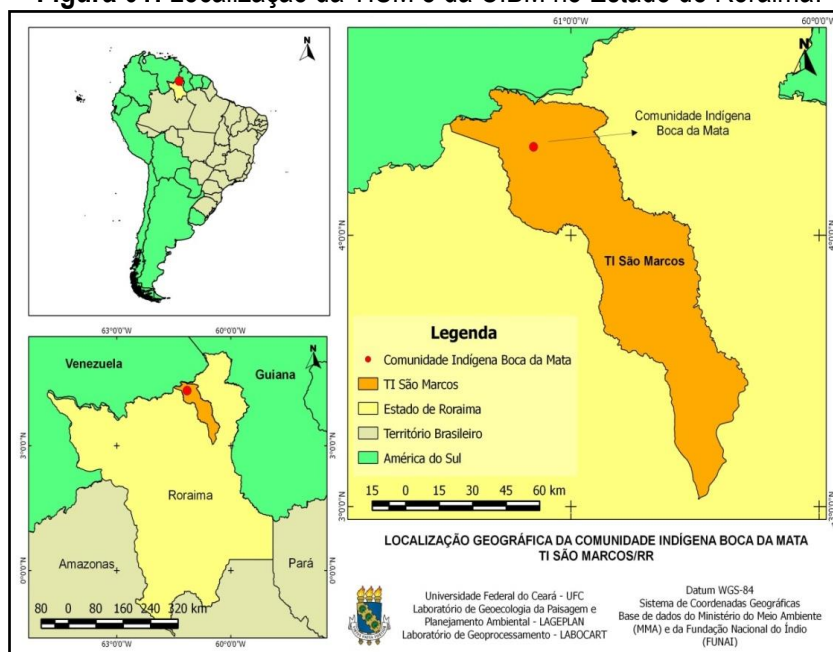
Territorialidade e Cartografia Social: os caminhos da Etno-Afetação Territorial

A comunidade indígena Boca da Mata (CIBM), Figura 01, está situada na porção do Alto São Marcos, ao norte da TI São Marcos, integrando-se nas 24 comunidades indígenas que somam esta porção. Ainda, a CIBM encontra-se a uma distância de 25 km da sede do município de Pacaraima e, aproximadamente, 190 km da Capital (Boa Vista).

A comunidade está localizada às margens da BR-174, esta conecta Manaus (capital do Amazonas) à fronteira com a Venezuela. Foi durante a década de 1970, que a infraestrutura foi construída e ao longo desses quase 50 anos, muitos problemas foram absorvidos, vulneravelmente percebidos, devido ao contato com os não-índios que circulam pelas comunidades indígenas.

A CIBM apresenta um aldeamento principal chamado pelos indígenas de Sede ($4^{\circ} 20' 56,6''$ N e $61^{\circ} 8' 39,7''$ W) onde se concentram, aproximadamente, 75% das famílias, além de dois aldeamentos menores, que são considerados pelos indígenas de “bairros”². São eles: Paz ($4^{\circ} 20' 49,7''$ N e $61^{\circ} 8' 23,7''$ W) e Aeroporto ($4^{\circ} 20' 33,9''$ N e $61^{\circ} 8' 31,4''$ W).

Figura 01: Localização da TISM e da CIBM no Estado de Roraima.



Fonte: Autor, 2015.

² Acredita-se que o termo “bairro” é utilizado pelos indígenas sob a influência cultural dos não-índios que residem na sede do município de Pacaraima.

A compreensão e o entendimento da CIBM fazem alusão ao termo território/territorialidade e designa a ideia de um processo de apropriação da natureza pela sociedade, fazendo os limites e as fronteiras desses fenômenos, sua extensão e tendências espaciais, onde há forçado trabalho e a apropriação da natureza promove a criação do território levando a discutir como se territorializou a comunidade desde sua gênese, a chegada de novos atores, a apropriação e reprodução do espaço ao longo do tempo (HAESBAERT, 2004).

Raffestin (1993, p.160) afirma que “territorialidade é a soma das relações mantidas por um sujeito com o seu lugar”. Compartilhando a ideia, Corrêa (1998, p.151) menciona que:

A territorialidade refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantir a apropriação e a permanência de um dado território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas.

As discussões sobre territorialidade são direcionadas aos elementos significativos, “vividoss e percebidos” (SANTOS, 1988). Neste sentido, na relação entre a sociedade-cultura-natureza as comunidades tradicionais priorizam certos valores à construção do conhecimento básico (na manutenção de sua escola diferenciada), a cosmologia, o sistema de valores e os costumes da população que devem ser levados em consideração para que se busque a realidade do território (GALDINO, 2007).

Para Souza (1995, p.108) “[...] em qualquer circunstância, o território encena a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo”. Corroborando, Haesbaert (2002 p.158) traz a ideia de território onde afirma que:

[...] território, aí, não seria um simples instrumento de domínio político-econômico e/ou espaço público de exercício de uma (pretensa) cidadania, mas efetivamente um espaço de identificação e (re)criação do/com o mundo, a natureza.

Ainda, para Haesbaert (2004), o conceito de território se conecta à política e relaciona com os aspectos econômicos e culturais, que estão profundamente ligados ao modo de como as pessoas utilizam a terra, como se organizam no espaço e dão seus significados com o lugar.

Em trabalho de campo, na comunidade indígena Boca da Mata, foi observado que não existiam estudos sobre a delimitação do território da comunidade, onde vislumbrasse o uso e ocupação da terra pautada pela história, suas necessidades de sobrevivência e da preservação cultural e ambiental.

Galdino *et al.* (2014, p. 424) dizem que:

Entender a importância da Cartografia no contexto atual é fazer compreender o seu uso no passado como instrumento de comunicação/linguagem. As gravuras rupestres é o exemplo mais apropriado da dimensão do entendimento das primeiras formas/sentidos/sentimentos de expressão humana deixadas como linguagens, no sentido de especialização e

apropriação do espaço geográfico, marca do domínio do homem sobre algum território/territorialidade, no caráter de verbalizar as suas expressões cognitivas espaciais.

Reforçando a ideia da relevância da cartografia, Arango (2007, p. 157-158) aponta que:

La aparición de los mapas parece incluso preceder a la escritura, pues tempranamente comenzaron a confeccionarse con una finalidad primigênia de tipo instrumental, utilizados en particular para la determinación de las distancias, el establecimiento de rutas y recorridos o la indentificación de emplazamientos y localizaciones que facilitarían el desplazamiento. Sin embargo, frente a ese carácter práctico emergió prontamente la idea del mapa como figuración de lo real, por lo que ya desde las primeras etapas de su desarrollo se puede hablar de dos de clasificación: el mapa instrumento, de carácter informativo y práctico y, el mapa imagen, el cual alberga una abstracción, un esfuerzo intelectual de construcción de un instrumento con fines prácticos pero revestido también de un carácter intangible como imagen, lo que lo convierte en una representación que integra las interpretaciones cosmológicas, políticas o religiosas, centradas em el mundo de aquel que lo dibuja.

A partir dessa observação, o trabalho recorreu aos conhecimentos teóricos e empíricos da Cartografia Social fomentados nas experiências/vivências de mapeamentos participativos orientados por Gorayeb *et al.* (2015). Neste sentido, aplicaram-se os métodos e as técnicas discutidas na obra, no intuito de entender o território dos indígenas da comunidade, como mostra a Figura 02.

Figura 02: Construção da territorialidade da comunidade indígena Boca da Mata. A) Mapa efêmero e afetivo da comunidade em solo. B) Delimitação da territorialidade da comunidade



Fonte: Autor, 2014.

Segundo Galdino *et al.* (2014, p. 425) “essa análise, motivada pela história, faz-se entender que a cartografia é indispensável, no estudo, para compreender o conceito de território”.

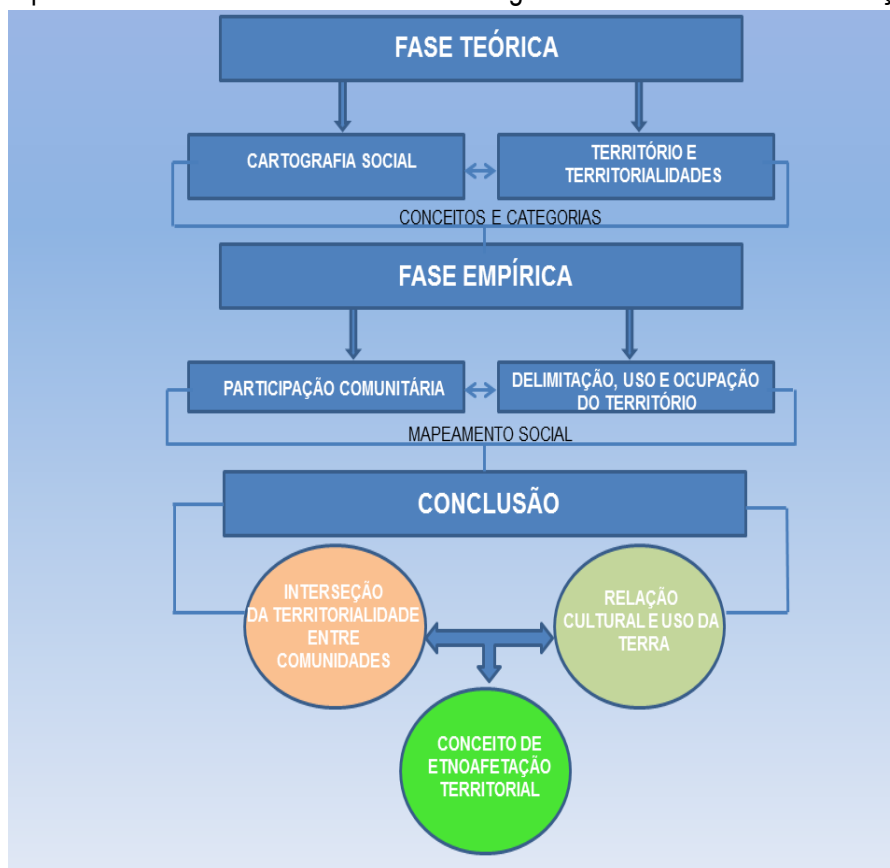
Ainda, Galdino *et al.* (2014, p. 427) afirmam que:

A noção de espaço/território envolve um complexo de ideias. A percepção visual, o tato, o movimento e o pensamento se combinam para dar o sentido das “coisas”, possibilitando a capacidade para reconhecer e estruturar a disposição dos objetos e das relações. Isto são caracteres imprescindíveis para o estudo da Cartografia Social ao analisar a territorialidade da CIBM gerando assim um significado mais humano para/na Geografia.

Segundo Topalov (1991, p.23) “*un mapa és, un asunto de ângulo de vista*”. Neste sentido, a cartografia social se inseriu como instrumento fundamental na construção do território da CIBM que, de forma participativa/coletiva, a comunidade delimitou a sua territorialidade, representada por uma área de 556 Km², com base em suas necessidades de sobrevivência (uso e ocupação) e de preservação cultural e ambiental.

É relevante ressaltar que, durante a pesquisa revelou a interseção entre comunidades indígenas, ou seja, outras territorialidades inseridas no contexto dos limites do território da comunidade indígena Boca da Mata. Nesse sentido, ficou explícito, no estudo, que esses limites e as interseções dos territórios são construídos com base nas necessidades sociais, econômicas, culturais e ambientais de cada comunidade indígena, o que faz fomentar a ideia de uma **Etno-Afetação Territorial**³, conforme ilustra a Figura 03.

Figura 03: Mapa conceitual dos fundamentos metodológicos do conceito de Etno-Afetação Territorial.



Fonte: Autor, 2017.

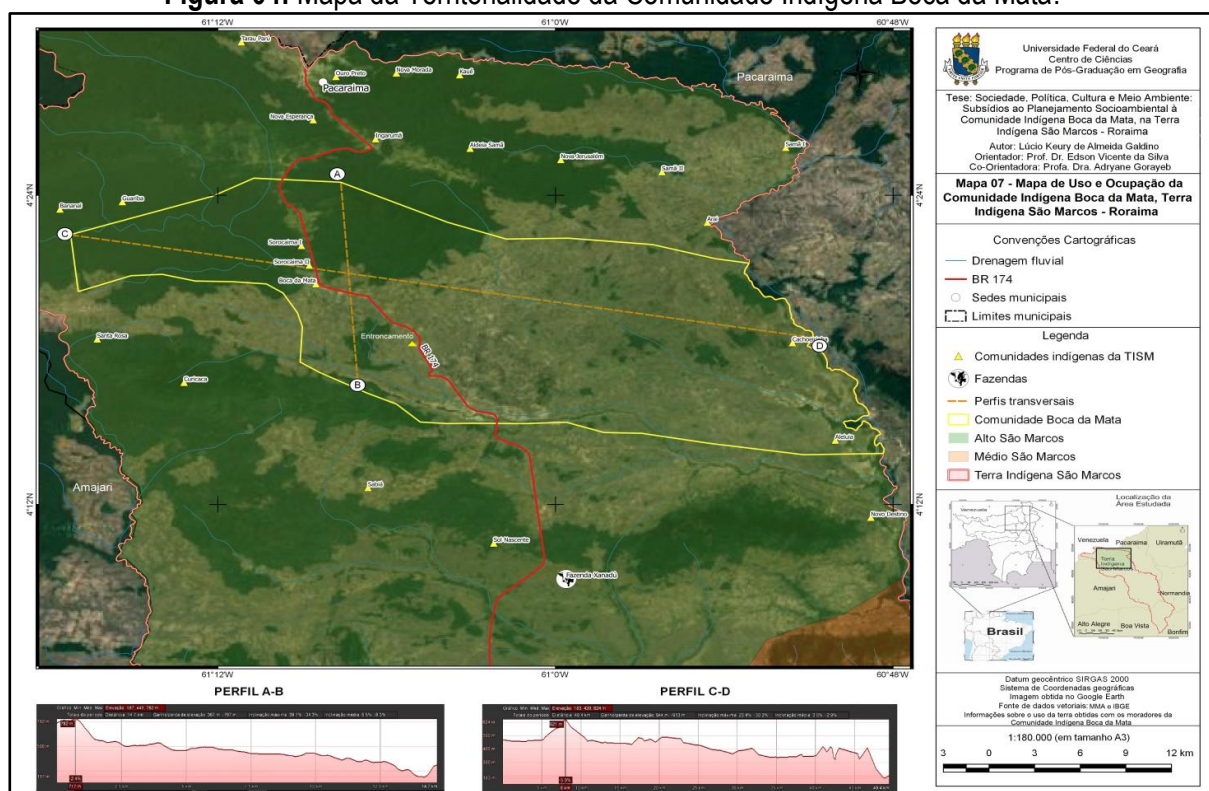
³ Termo desenvolvido para explicar a relação territorial, cultural e o uso da terra (território compartilhado) entre as comunidades indígenas envolvidas na pesquisa.

Para chegar à ideia do conceito de Etno-Afetação Territorial, os estudos foram pautados em três momentos, são eles: **Fase teórica** – estudo e análise dos conceitos e categorias da cartografia social, território e territorialidade; **Fase empírica** – elaboração do mapa social, de forma coletiva e participativa na comunidade, onde delimitou o uso e ocupação do território da comunidade indígena; **Conclusão** – o mapa resultou uma interseção da territorialidade da CIBM com outras comunidades indígenas relacionando, diretamente, com a cultura e o uso da terra pelos indígenas.

Fora observado que a comunidade indígena Boca da mata possui um vínculo de base amistosa, solidária e singular, com as comunidades que fazem interseção com seu território, são elas: Entroncamento, Bananal, Guariba, Sorocaima I e Sorocaima II, onde possui uma relação cultural estabelecida por princípios e valores humanos que se refletem ao meio ambiente, colocando-os no estado de relação de harmonia entre os indígenas e a natureza (Figura 04)⁴.

Finalmente, cabe considerar que a percepção do espaço vivido e a relação da comunidade com o meio ambiente foram necessárias na construção de uma cartografia social que promoveu condições/subsídios para se discutir/desenvolver a territorialidade do uso da terra, bem como sua relação com a cultura e o meio ambiente.

Figura 04: Mapa da Territorialidade da Comunidade Indígena Boca da Mata.



Fonte: Autor, 2017.

⁴ Mapa extraído da Tese de Galdino (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou a importância da Geografia, como “mola-mestre”, que articula os seus saberes e toma para si a responsabilidade de analisar, perceber e entender a dinâmica do espaço geográfico que envolve as manifestações/transformações que estão entrelaçadas na construção da relação sociedade e natureza, fomentando assim o desenvolvimento cognitivo e a construção de novos conceitos à academia científica.

Desta forma, o trabalho primou em direcionar uma discussão buscando os conceitos geográficos norteados pelo entendimento do território e da cartografia social, o que gerou no desenvolvimento e entendimento do conceito da **Etno-Afetação Territorial**, desenvolvida pelo autor durante o seu doutoramento.

Por fim, acredita-se que o conceito discutido no artigo vem contribuir ao entendimento das relações territoriais e socioculturais construídas pelas/nas comunidades tradicionais, em especial, as indígenas que foi o objeto de estudo desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu Deus!

Aos indígenas (“parentes”) de Roraima, em especial, aos índios da Comunidade Boca da Mata.

Ao Prof. Dr. Edson Vicente da Silva (Cacau) e a Profa. Dra. Adryane Gorayeb, respectivamente, Orientador e Coorientadora do Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC.

Ao Governo do Estado de Roraima e, principalmente, à Universidade Estadual de Roraima – UERR.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

REFERÊNCIAS

ANDRELLO, G. Fazenda São Marcos: de próprio nacional a terra indígena. In: BARBOSA, R. I.; MELO, V. F. **Roraima: homem, ambiente e ecologia**. Boa Vista: FEMACT, 2010.

ARANGO, V. M. El mapa de lo invisible: silêncios y gramática del poder em la cartografía. In: **Universitas Humanística**, no. 63, enero-junio, 2007, p. 155-179.

CIRINO, C. A.; FRANK, E. H. Des-territorialização e re-territorialização dos indígenas de Roraima: uma revisão crítica. In: BARBOSA, R. I.; MELO, V. F. **Roraima: homem, ambiente e ecologia**. Boa Vista: FEMACT, 2010.

GALDINO, L. K. A. **Sociedade, política, cultura e meio ambiente: subsídios ao planejamento socioambiental à comunidade indígena Boca da Mata, na Terra Indígena São Marcos - Roraima**. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia –



Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 22, n. 3, p. 72-84, Dez. 2020, <http://uvanet.br/rcgs>. ISSN 2316-8056 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Todos os direitos reservados.

Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GALDINO, L. K. A. **Os caminhos da territorialidade da etnia Pitaguary**: o caso da Aldeia de Monguba no município de Pacatuba no Ceará. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Programa de pós-graduação em Geografia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

GALDINO, L. K. A et al. Cartografia social e territorialidade: reflexões na comunidade indígena Boca da Mata, Terra Indígena São Marcos – Roraima. In: **II Congresso internacional de Direito, cidade e meio ambiente/II Seminário internacional de Direito do consumidor e desenvolvimento sustentável/II Seminário de segurança pública e Direitos Humanos**. Porto Velho, agosto, 2015, p. 421-429.

GORAYEB, A.; MEIRELES. A. J. A.; SILVA, E. V. **Cartografia social e cidadania**: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Fortaleza: Expressões Gráficas Editora, 2015.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF/Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2010**: características gerais dos indígenas – resultados do universo. Rio de Janeiro: MPOG/IBGE, 2010.

RAFFESTIN, J. C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, M. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. E.; G., Costa; P. C.; Corrêa, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TOPALOV, C. La ville, terre inconnue: L'équète de Charles Booth et le peuple de Londres (1886 – 1891). In: **Geneses, Sciences Sociales et historie**, no. 5, septembre, Paris, 1991.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.